

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## UM NOVO ASPECTO INTERPRETATIVO DA ORNAMENTAÇÃO DOS MONUMENTOS MEGALÍTICOS.

CASTRO, Luís de Albuquerque e

Ano: 1961 | Número: 71

---

### Como citar este documento:

CASTRO, Luís de Albuquerque e, Um novo aspecto interpretativo da ornamentação dos monumentos megalíticos. *Revista de Guimarães*, 71 (3-4) Jul.-Dez. 1961, p. 255-260.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Um novo aspecto interpretativo da ornamentação dos monumentos megalíticos (\*)

Por LUÍS DE ALBUQUERQUE E CASTRO

---

Em Portugal, Espanha, França e Grã-Bretanha para não citarmos outros países, há conhecimento de vários monumentos megalíticos ornados.

Essas ornamentações, néo e eneolíticas, constituídas por pinturas e por insculpturas, apresentam, como é sabido, antropomorfias esquemáticas, raramente zoomorfias, e vários motivos geométricos, sobre cuja intencionalidade já nos debruçámos.

Vários AA. e nós próprios já tivemos oportunidade de estudar e descrever alguns monumentos conhecidos, ou descobertos então, e portadores daquelas representações nas cabeceiras e nos esteios das câmaras e das galerias ou corredores. Não é, portanto, novidade a existência de lajes em que o homem neolítico ou do Eneolítico tenha pintado ou insculpido símbolos intencionais de provável homenagem, ou de culto dos seus mortos.

Mas um aspecto algo de novo há agora!

A constituição geológica de Portugal é variada e os construtores dos megálitos usaram na fábrica dos monumentos os materiais locais ou existentes nas vizinhanças, mais ou menos próximas. Há, assim, monumentos de granito, de xisto e de calcário.

---

(\*) Comunicação apresentada ao «I Simpósio Internacional para o estudo dos megálitos», realizado em Paris de 25 a 27 de Fevereiro de 1961,

Nos arredores de Lisboa, onde são conhecidos vários monumentos pré-históricos, uns foram construídos de calcário nas regiões onde existe este material litológico, e outros de granito, como os existentes na Serra de Sintra.

Nas cercanias de Belas, povoação situada aproximadamente a meia distância entre Lisboa e a vila de Sintra, conhecem-se alguns monumentos megalíticos, dos quais se destacam os de Agualva, Estria, Pedra dos Mouros e Monte Abraão, estando os três últimos relativamente perto uns dos outros.

Estes monumentos foram minuciosamente explorados e estudados por CARLOS RIBEIRO, em 1876 (1), e deles nos vamos também ocupar na presente nota.

Pelo seu valor arqueológico e pelo valor dos materiais que deles foram retirados, e que se encontram no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, os monumentos são frequentemente visitados por todos aqueles, nacionais ou estrangeiros, que se interessam pela Arqueologia peninsular.

Dois factos chamaram a atenção de CARLOS RIBEIRO — quando procedeu ao estudo daqueles monumentos, para os quais procurou encontrar explicação: a sua situação em relação à constituição do solo local e o motivo do emprego de determinado calcário. Mas vejamos o que ele escreveu:

*Do monumento de AGUALVA*

«Está construído na depressão de que falamos a pág. 3, como que perdido no meio de um terreno agreste formado de bancadas de calcário muito duro,...» (2).

.....  
 «As pedras deste dólmen,..., são todas de calcário riço arrancadas do próprio local.» (3)

---

(1) Carlos Ribeiro, *Estudos pré-históricos em Portugal — Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos*. Lisboa 1880.

(2) Ob. cit. pg. 67.

(3) Ob. cit. pg. 69.

*Do monumento de ESTRIA*

«De passagem, diremos que as grandes pedras deste dólmen pertencem à bancada ou grossa camada de calcário argiloso que passa ali mesmo, ...» (1).

*Do monumento da PEDRA DOS MOUROS*

«Estas três lajes são de calcário argiloso cinzento mui duro, com os seus caracteres petrográficos em tudo iguais aos do calcário das camadas onde o dólmen assenta. Como o geral das grandes pedras empregadas nestas rústicas construções, as superfícies estão literalmente em bruto». (2).

*Do monumento de MONTE ABRAÃO*

«O solo, onde foi levantado este dólmen, é formado de bancadas do referido calcário de rudistas, mui duro, cobertas por uma capa de argila vermelho-sanguínea, proveniente da alteração dos basaltos, que estão a algumas dezenas de metros de distância. Não foi, porém, deste ponto que saíram as principais lajes que entraram nesta construção; foram buscá-las a alguns centos de metros de distância para o lado norte, extraíndo-as das camadas do andar subjacente, não das que têm leito e sobre-leito muito planos e regulares, mas das bancadas de calcário cinzento escuro, duríssimo, bastante resistente à acção do tempo e com as superfícies de estratificação desiguais e muito escabrosas. Estas lajes não têm desbaste nem vestígios de aparelho, isto é, tais quais foram arrancadas das bancadas, assim as empregaram, ficando o dólmen com o aspecto tosco e rústico dos seus congéneres» (3).

---

(1) Ob. cit. pg. 63.

(2) Ob. cit. pg. 6.

(3) Ob. cit. pg. 9.

Tendo em vista a geologia local, os monumentos de Estria e Pedra dos Mouros estão situados sobre o Cenomaniano. As lajes que formam estes monumentos, pelas suas características, afiguram-se-nos semelhantes às da rocha das camadas indicadas por CARLOS RIBEIRO como sendo do andar subjacente; são formadas por calcários *escabrosos* e duros do Cenomaniano e teriam provindo dum afloramento existente entre os dois monumentos. O monumento de Monte Abraão, embora construído do mesmo calcário *escabroso* do Cenomaniano, situa-se sobre o Turoniano, o qual é constituído por calcários com rudistas, segundo o mesmo autor. Quanto ao monumento de Aqualva, que foi construído sobre bancadas de calcários do Cenomaniano, é constituído deste material que, no entanto, não apresenta o aspecto dos calcários *escabrosos*.

CARLOS RIBEIRO, faz notar o estado das lajes existentes nos monumentos de Monte Abraão e da Pedra dos Mouros, dizendo que elas não apresentam «...desbaste nem vestígios de aparelho...» O mesmo dizemos nós das lajes dos restantes monumentos.

Aquele Autor deve ter reparado que algo de estranho se passava com estes monumentos. Pelo menos, assim se pode inferir do que mais adiante descreve, sobre o Monte Abraão: «...isto é, tais quais foram arrancadas das bancadas, assim as empregaram, ficando o dólmen com o aspecto tosco e rústico dos seus congéneres...» (Estria e Pedra dos Mouros).

Porém, devido talvez ao desconhecimento, naquele tempo, da existência em Portugal de monumentos megalíticos ornados, interpretou o emprego daquele calcário apenas como uma questão de segurança dos construtores, e, assim, acrescentou: «...não das que têm leito e sobre-leito muito planos e regulares, mas das bancadas de calcário cinzento escuro, duríssimo, bastante resistente à acção do tempo...» E tão influenciado ficou com a sua própria explicação que se esqueceu do que escrevera sobre a localização do monumento do Monte Abraão «...O solo, onde foi levantado este dólmen é formado de bancadas do referido calcário de rudistas, muito duro...»

Sendo assim, este poderia muito bem ter sido empregado, evitando desta maneira o arranque e o transporte

daqueles calcários *margosos*, situados a «...alguns centos de metros de distância...» Mais: esses calcários do Cenomaniano não são tão duros quanto pareceu a CARLOS RIBEIRO, pois mostram-se mais brandos do que aqueles em que assenta o monumento, sendo até facilmente riscáveis com um canivete, motivo por que se encontram cheios de legendas, gravadas já em nossos dias por visitantes leigos, as quais estão bem visíveis em volta das insculpturas antropomórficas eneolíticas (vide estampa II — figuras 4 e 5).

De facto, algo se passava, estando a explicação naquelas palavras de CARLOS RIBEIRO «...e com as superfícies de estratificação desiguais e muito escabrosas...ficando o dólmen com o aspecto tosco e rústico...»

Com efeito, nos locais onde foram construídos os monumentos da Estria e Pedra dos Mouros afloram calcários margosos do Cenomaniano que apresentam natural e fácil separação em algumas das suas bancadas, devido à intercalação de finos leitos argilosos, o que permite o arranque de grandes lajes, circunstância esta que os construtores dos megálitos souberam aproveitar inteligentemente.

Porém, dessas bancadas retiram apenas, intencionalmente portanto, as lajes «...com as superfícies de estratificação desiguais e muito escabrosas... e não das que têm leito e sobre-leito muito planos e regulares».

Retirar essas lajes e com elas limitar as câmaras e as galerias dos monumentos, nada tem de anormal; mas dispô-las de modo que fiquem com a face de aspecto idêntico voltada para o mesmo lado, isso é que já nos parece estranho. Foi exactamente o que aconteceu nos monumentos de Monte Abraão, Pedra dos Mouros e ainda, mais frisantemente, no de Estria, porque tendo essas bancadas, originalmente e *in situ*, a face superior mais ou menos lisa e a inferior *escabrosa*, como lhe chama CARLOS RIBEIRO, foram as lajes colocadas pelos construtores de tal maneira que a face *escabrosa* ficou intencionalmente voltada para o interior dos monumentos.

Quanto a nós, esta designação de *escabrosa*, se bem que corresponda em parte ao seu aspecto, não elucida suficientemente sobre a sua constituição, isto é, sobre as fossilizações que apresenta. De facto, essas faces apresentam-se cheias de «vermiculites» ou «chondrites», que lhes



dão o aspecto de representações de vários motivos curvilíneos e dicotômicos, formando desenhos indeterminados, resultantes de galerias ou pistas fósseis.

Assim, e logo à primeira vista, essas fossilizações podem muito bem sugerir a ideia de insculpturas (vide estampa I).

Já no Paleolítico Superior, o artista pré-histórico para dar maior realce às suas pinturas animalistas, aproveitou algumas vezes, sábiamente, as saliências das rochas que formavam as paredes e tectos das grutas, conseguindo assim imprimir aos seus trabalhos a aparência do relevo anatómico das figuras que pintava, as quais dão, por vezes, a impressão de terem sido previamente insculpidas.

Do mesmo modo, também os construtores destes megálitos terão escolhido, de propósito, essas lajes com «*chondrites*» para com elas formarem os esteios dos monumentos, dando a impressão de terem sido insculpidos, o que nos leva a considerar estes esteios como *naturalmente ornados*, mas *intencionalmente aproveitados*.

---

*Nota* — Todas as fotografias com que documentamos este trabalho foram executadas pelo Ex.<sup>mo</sup> Senhor Prof. Dr. Luciano Ribeiro, a quem manifestamos todo o nosso reconhecimento.



1



2

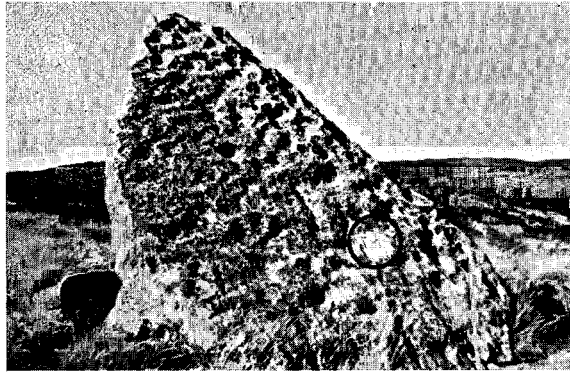


3

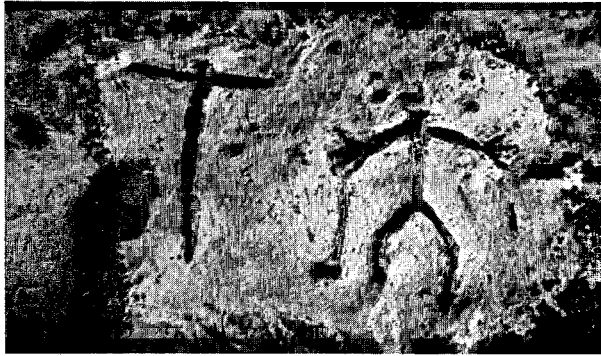
Fig. 1 — *Monumento de Estria. Esteio com «chondrites».*

Fig. 2 e 3 — *Monumento de Monte Abraão. Esteios com «chondrites».*

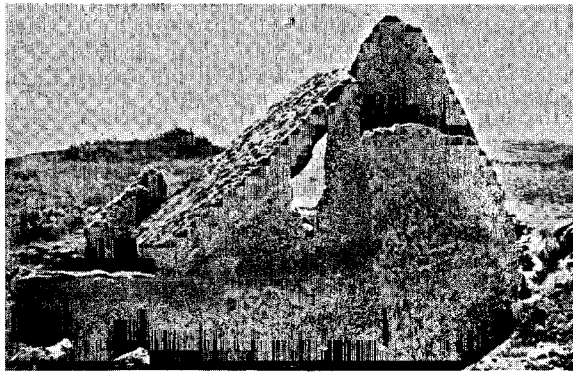




4



5



6

Fig. 4 — *Monumento de Pedra dos Mouros. A zona limitada pela c*  
*abrescenta-se ampliada na Fig. 5.*